

O TEATRO MODERNO DE LISBOA E «O RENDER DOS HERÓIS»

As companhias de teatro que, entre nós, procuram trabalhar seriamente têm que travar uma luta contra o anquilosamento, a deformação teatral e a rotineirice do meio, luta essa que só à custa dos sacrifícios dos seus componentes pode ser levada a bom termo, quando o é, porque o mais vulgar é a iniciativa perecer por natural desânimo dos componentes que, afinal, se não tiverem um apoio económico, seja do público seja das entidades oficiais, são obrigados a desistir porque não se vive, e é pena, de idealismos. Eles são necessários e por eles se luta desde que haja um mínimo de condições económicas que permitam pelo menos sobreviver.

Quando se fizer a história destes amargurados anos do nosso teatro, terá que se pôr em lugar de destaque o Teatro Moderno de Lisboa, cooperativa de actores que se têm dedicado a uma honesta, equilibrada e séria actividade teatral. No marasmo e na rotina, no «deixar andar» do nosso teatro, a acção do Teatro Moderno de Lisboa, e do Teatro Experimental do Porto igualmente, é uma demonstração do que deve ser uma companhia de teatro de hoje, com um reportório sério e artistas dignos e humildes, sem transigências ao gosto do público e sem vedetismos inúteis e, mais do que inúteis, prejudiciais ao levantar duma peça, à criação nas tábuas das personagens delineadas no papel pelo dramaturgo.

Por contrato de 9 de Outubro de 1961, o núcleo dos iniciadores, Carmen Dolores, Armando Cortez, Fernando Gusmão, Rogério Paulo, fundou com os, entretanto engajados pelo sonho, actores Costa Ferreira, Rui de Carvalho, Maria Schultze, Tomás de Macedo e Armando Caldas, o TML. A nóvel companhia nada possuía nem sequer uma casa de espectáculos para actuar. E só a simpatia da gerência do cinema Império permitiu que, a horas todavia não muito convenientes, a companhia pudesse actuar. A estreia do TML efectuou-se em 13 de Novembro de 1961. Os actores componentes, a que entretanto se tinham juntado Nicolau Breyner, Morais e Castro, Clara Joana e Carlos Cabral, eram obrigados a desdobrar-se, entregando-se a uma múltipla actividade na rádio, na TV, no cinema, que lhes permitisse manter-se, pois os «crachets» da companhia eram pouco mais que irrisórios. Não abdicavam contudo das suas ideias de teatro e, por isso, lhes estamos gratos. Do seio do grupo saíam também os encenadores. E, desabitados como andávamos, de «ver os encenadores encenar», esmagados como normalmente eram pelos «monstros sagrados» dos nossos palcos, quase fomos surpreendidos pela dignidade e humildade que eram uma demonstração de amor pelo teatro e de respeito pelo público. Respeito esse que não era mais que a tradução da dignidade profissional que deve existir em qualquer artista que contacte com o público.

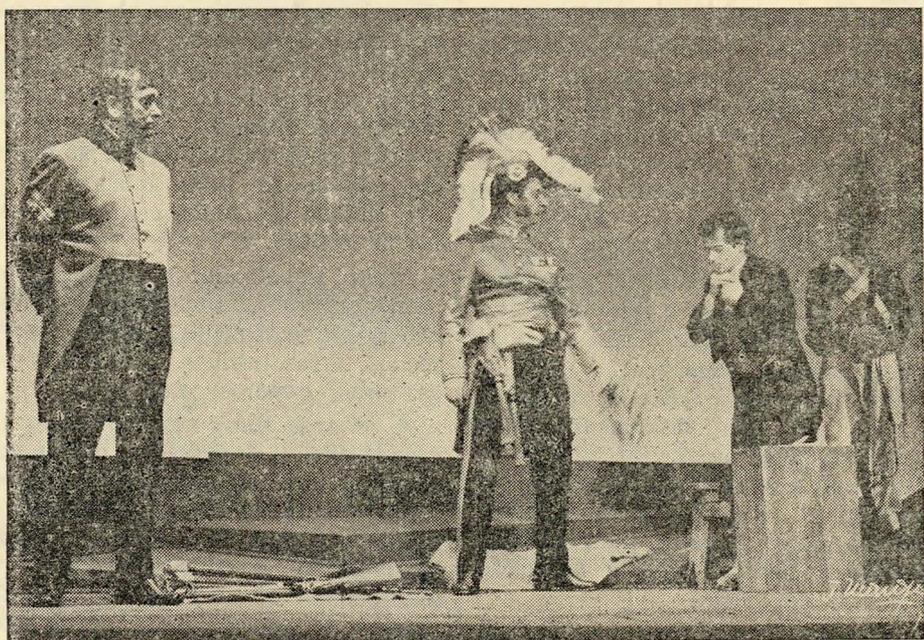
São discutíveis algumas das peças levadas à cena pelo TML? Mau seria se o não fossem. O que é indiscutível, porém, é o alto nível dos textos e das encenações, é a honestidade dos espectáculos montados, sem transigências para com gostos dúbios, mas também sem falsos vanguardismos que normalmente enxameiam nesta terra. A primeira peça do grupo foi *O Tinteiro* de Carlos Muñiz, que Rogério Paulo encenou. Foi com essa peça que o TML representou Portugal em Paris no Festival Internacional de Teatro de 1962, com uma dignidade que deve ter feito pensar que, afinal, em Portugal também havia quem soubesse fazer teatro. Aliás a peça foi um êxito de público entre nós, o que prova que cá também se sabe distinguir o bom do mau e que a crise é mais do próprio teatro do que de público que, normalmente, ocorre quando lhe cheira a respeito e a dignidade. Seguiu-se, ainda nessa época de 1961-62, *Humilhados e Ofendidos* de Dostoiewsky numa adaptação de André Charpak e encenação de Fernando Gusmão. A temporada de 62-63 foi notável: *Ratos e Homens* de John Steinbeck numa encenação de Costa Ferreira; *Os 3 Chapéus Altos* de Miguel Mihura, em encenação novamente

de Fernando Gusmão; *O Dia Seguinte* de Luís Francisco Rebelo, *O Pária* de Augusto Strindberg e *O Professor Taranne* de Artur Adanov, encenadas por Paulo Renato. Depois as dificuldades acumuladas ao longo dessas duas temporadas, a falta de apoio, não obstante os apelos e as adesões aparecidas na imprensa terminaram a carreira do TML. Receámos todos que o Teatro Moderno tivesse sido mais um belo sonho a morrer. Mas não. O TML, pela mão da Fundação Gulbenkian voltou esta temporada. Saudamos o seu aparecimento, certos de que a rota continuará a ser a dum teatro de hoje. E com este «hoje» queremos significar um teatro dignamente actual, interessado nos problemas que nos afligem e não o teatro-aperitivo, o teatro-evasão que para aí se fabrica.

A primeira peça da presente temporada, integrada nas comemorações do centenário de Shakespeare, foi *Dente por Dente*, numa encenação, muito discutida e até violentamente criticada, de António Pedro. O espectáculo parece, de qualquer modo, ter sido o mais digno de quantos entre nós se montaram a comemorar

após espectáculo, como um dos mais sérios casos de encenador aparecidos nos últimos anos em Portugal. Foi-se ao texto de Cardoso Pires e soube extrair dele tudo quanto o texto podia dar, dentro das nossas limitações. É claro que uma peça com este cariz brechtiano exigia uma encenação brechtiana, em que não se esquecesse o efeito de distanciamento preconizado pelo grande encenador. Conseguiu-o Fernando Gusmão? Atrevemo-nos a dizer que sim, não obstante as objecções que é possível pôr a determinados pormenores, tais como o emprego de som off, por vezes um pouco forçado, ou do emprego, quase desnecessário, do ciclorama. De resto, a encenação de Gusmão é notável, sobretudo no capítulo da direcção de actores, todos de uma homogeneidade e humildade pouco habituais no nosso meio. As dificuldades que um texto como o de Cardoso Pires apresentava, estimularam Gusmão a resolvê-las com uma certa audácia (vide a apoteose final), a encontrar soluções providas do próprio som, da iluminação ou duma marcação sempre certa.

Dissemos que a interpretação era duma grande



Tomás de Macedo, José Amaro, Carlos Cabral e Luís Alberto, numa cena de «O Render dos Heróis» de José Cardoso Pires, na encenação de Fernando Gusmão

o grande dramaturgo inglês. E a discussão de um espectáculo shakespeariano é sempre fatal por quanto os métodos empregados na sua encenação podem variar desde as clássicas encenações de Lawrence Olivier até às actualizadas e violentas de Orson Welles. O que era preciso era ver Shakespeare representado pelos nossos actores e acabar com o mito da nossa incapacidade de representação do universal dramaturgo. Foi isso que fizeram o TML e o Teatro Nacional. Finalmente o TML aparece-nos agora com *O Render dos Heróis* de José Cardoso Pires.

A peça de Cardoso Pires é, doa a quem doer, um dos poucos exemplares de teatro brechtiano feito até agora entre nós. Daquele teatro épico que o grande dramaturgo e encenador alemão defendia como o único capaz de servir a esta nossa época em que se torna necessário obrigar o homem a pensar e a dialogar e a estudar as soluções para os problemas que o afligem, máximo da liberdade e da dignidade humana. *O Render dos Heróis*, peça enigmática, é, se assim se lhe pode chamar, uma exposição, oscilante entre o grotesco e o trágico, duma situação de luta pela liberdade. No caso específico, as lutas liberais e a guerra civil portuguesa. Mas adopta Cardoso Pires uma posição de desmistificação que nos parece absolutamente necessária nestes tempos em que, apesar de todas as lições recebidas, se continua a querer criar heróis. E é isso que Cardoso Pires evita, colocando os seus, que vão ser rendidos, numa posição de desnudamento que torna o espectador um crítico das fraquezas e das virtudes dos homens obrigados a comandar ou a adoptar posições a que uma má compreensão histórica tenderia a heroicizar. O público, tal como Brecht pretendia, é obrigado, num caso destes, a tomar partido, a interpretar, a criticar o procedimento das personagens, a rir dos heróis, a destruí-los. Que a peça de José Cardoso Pires se reveste duma flagrante actualidade, em determinados pontos, é evidente para quem leia a peça e a quem assista a este espectáculo do TML. Que o seu riso é impiedoso porque justo é também indubitável. Que se torna necessário, após esta, montar o *Felizmente Há Luar* de Sttau Monteiro para que se complete a análise desta época de importância fundamental na nossa evolução histórica é já outro problema.

Fernando Gusmão evidencia-se, espectáculo

homogeneidade, sem vedetas, e isso parece-me ser o melhor elogio que se pode dirigir a um grupo de actores. Seria, todavia injustiça não salientar Rui de Carvalho, a desenhar o personagem mais brechtiano de toda a peça, o cego que é a chave do texto de Cardoso Pires. Precisão, integração da personagem, comunicação imediata com o público, a interrogá-lo, a provocá-lo à crítica, eis o que Rui de Carvalho conseguiu. José Amaro e Tomás de Macedo encarregaram-se de desenhar duas difíceis personagens da história. José Amaro foi notável no papel de Matamundos, coronel da rainha, homem ao mesmo tempo caricato e consciente do que o cerca; Tomás de Macedo é o Sargento Sargentanas, alma negra, feroz com as costas quentes, cobarde quando a força se desmorona à sua volta. Rogério Paulo, actor dos maiores e mais cultos do nosso teatro, compõe um desembargador Gaspar Silveira impecável. A sua primeira aparição, certa, comedida, como só um actor em plena posse dos seus recursos é capaz, é dos momentos mais arrebataantes de toda a peça. Carmen Dolores, Maria Cristina, Fernanda Alves, Jaime Santos, Angela Ribeiro, Luís Serqueira, Armando Caldas, Rui Mendes, Maria Schultze, Carlos Cabral, António Sarmiento, Morais e Castro, Fernando Soares, Clara Joana, Luís Alberto, Duarte Manuel, Alexandre Passos, Constança Navarro, Fernando Gusmão, Fernando Soares constituem o restante elenco todo ele homogéneo, correcto e cheio dum profissionalismo que cada vez se torna mais necessário nos nossos palcos. Os cenários e os figurinos de Octávio Clérigo, cheios da simplicidade que a acção requeria, revelaram-se funcionais. A música de Carlos Paredes acompanha bem e sublinha ou age em contraponto toda a acção da peça de Cardoso Pires.

É necessário, pois, que o TML continue a existir para que o público português possa assistir a teatro ao nível europeu, a um teatro digno e interessado e até, porque não, «engagé» no bom sentido do termo. Porque *O Render dos Heróis* demonstrou que temos dramaturgos, demonstrou que temos encenadores, demonstrou que temos actores sérios e capazes. É a vez do público e das entidades oficiais demonstrarem que são capazes de manter uma companhia de teatro cujo lema é o nível e a honestidade profissional.

A. M.

ARMAZÉM DE LANIFÍCIOS

Vendas a retalho directamente ao Consumidor. Aproveite comprar directamente, beneficiando das melhores qualidades a preços sem concorrência.

Peça-nos amostras de Terylene, Pura Lã, Acrilã, etc., para Homem e Senhora e verifique preços.

BRAZ & SOBRINHO

Apartado 43 — COVILHÃ